

A QUESTÃO DO SEGREDO NAS ANTILÍNGUAS: UMA VISÃO ECOLINGUÍSTICA

Hildo Honório do Couto

Universidade de Brasília

Elza Kioko Nakayama Nenoki do Couto

Universidade Federal de Goiás

RESUMO: Nosso objetivo neste artigo é discutir a questão do segredo nas chamadas antilínguas, que são criadas por grupos *underground* ou qualquer grupo cujos membros queiram por um motivo qualquer comunicar-se entre si sem ser entendidos pelos membros da comunidade envolvente. Usando o arcabouço teórico da Ecolinguística, analisamos a ‘antilíngua’ dos meninos de rua, dos ciganos (calon e kalderash) e a *dread talk* do movimento rastafari jamaicano. Por menor que seja o grupo, sua pequena comunidade não foge do ecossistema fundamental da língua, segundo o qual só teremos uma modalidade linguística se houver um grupo de pessoas (P), que se encontra em determinado espaço/território (T), usando a linguagem (L) que lhe é específica. No caso, com exceção da língua dos kalderash, essa linguagem é apenas um pequeno vocabulário, usado no contexto da gramática portuguesa. Por fim, constatamos que os imigrantes de segunda e terceira geração, ou mais, também usam o pouco que ainda mantêm da língua dos ancestrais como uma espécie de antilíngua.

PALAVRAS-CHAVE: antilíngua, meninos de rua, ciganos, rastafári, criptoleta

ABSTRACT: *Our interest in this paper is to discuss the issue of secrecy in the so called anti-languages, which are created by underground groups or any group whose members want for whatever reason to communicate with each other without being understood by the members of the surrounding community. Using the theoretical framework of ecolinguistics, we analyze the anti-language of street children, as well as the one from the gypsies (calon and kalderash) and the dread talk of the Jamaican Rastafarian movement. No matter how small is the group, their small community does not escape from the fundamental ecosystem of language, according to which we will only have a linguistic expression*

if there is a group of people (P) which is in a particular area / territory (T), using its specific language (L). In this case, with the exception of Kalderash language, this language is only a small vocabulary used in the context of Portuguese grammar. Finally, we note that the immigrants of the second and third generation or more also use the little devices that still retain from the language of their ancestors as a sort of anti-language.

KEY WORDS: *anti-language, street children, gipsies, rastafari, criptoletto.*

Introdução

Existem muitas grupos no interior de comunidades maiores que criam uma linguagem própria com a finalidade de manter segredo frente aos que não pertencem ao grupo. Isso ocorre no domínio da maioria das línguas do mundo, sobretudo aquelas que fazem parte de sociedades complexas, com diversos segmentos sociais e grupos dos mais variados tipos. Em geral, essa linguagem, ou criptoletto, consta apenas de um vocabulário específico. Este, por seu turno, normalmente se constitui de lexemas tirados da língua dominante, mesmo que às vezes parcialmente adulterados, devido aos fins a que se destinam. Deve ser notado que essas alterações, ou até mesmo mesmo adulterações de palavras originais, não violam os padrões silábicos e, frequentemente, nem os morfológicos da língua circundante.

Nós temos estudado algumas dessas linguagens, chamadas de antilínguas por M. A. K. Halliday. Elza investigou a linguagem dos meninos de rua e a língua dos ciganos kalderash de Aparecida de Goiânia-GO. Hildo estudou a trajetória dos ciganos e orientou diversas monografias de alunos de pós-graduação sobre o assunto. Além disso, ele estudou pessoalmente outras manifestações de antilínguas e assunto correlatos, como a *dread talk* do movimento rastafari jamaicano, o cafuzo de Santa Catarina, o callahuaya, o pachuco e o shelta, além de comunidades ameríndias e de ex-quilombos. No presente momento, estamos os dois investigando a língua dos ciganos de Aparecida de Goiânia.

Nosso objetivo principal é discutir a questão do segredo exemplificando com manifestações linguísticas como as que acabam de ser mencionadas. Assim sendo, na próxima seção (2), apresentamos sucintamente o arcabouço teórico em que nos baseamos, que é a jovem disciplina Ecolinguística. Na seção seguinte (3), reproduzimos a conceituação original de antilíngua de Halliday. Na seção 4, começamos a entrar na análise de casos pela linguagem dos meninos de rua. Na seção seguinte (5), falaremos dos ciganos, tanto os chamados kalderash quanto os calons. A seção 6 é dedicada à linguagem conhecida como *dread talk*,

criada e usada pelos membros do movimento rastafari da Jamaica. Na seção 7, procuramos juntar todos os estudos de caso que apresentamos no contexto maior da Ecolinguística, com o fito de mostrar que ela é um ótimo arcabouço teórico para se estudarem essas questões.

Por fim, temos as observações finais, seção 8.

1. Ecolinguística

Nosso arcabouço teórico maior é a **Ecolinguística**. Ela é uma jovem disciplina, definida como sendo o estudo das relações entre língua e meio ambiente (Fill, 1993; Couto, 2007, 2009). Como o prefixo ‘eco’ já dá a entender, ela parte da perspectiva da Ecologia, de onde deriva a maioria de seus conceitos e todos os seus princípios. Assim sendo, faz-se necessário salientar os conceitos ecológicos mais importantes e averiguar como são apropriados pelos estudos linguísticos. Mais especificamente, temos que responder as seguintes perguntas:

- (1) O que é língua?
- (2) O que é meio ambiente da língua?
- (3) De que tipo são as relações entre a língua e seu meio ambiente?

Responder a segunda pergunta não é nada fácil, inclusive porque na Ecologia biológica geral não se usa a expressão ‘meio ambiente’ como termo técnico. Essa expressão é mais comum na Ecologia social e/ou na filosófica. Nos estudos biológicos, os conceitos que mais se aproximam do de meio ambiente são os de *habitat*, nicho, biótopo e **território**. Eles fazem parte de um todo maior, o **ecossistema**, que vem sendo definido como sendo o conjunto formado por uma **população** de organismos e as **inter-relações** que se dão entre eles e o entorno bem como das que se dão entre os próprios organismos da população entre si. Ecologicamente, o que importa não são os organismos (animais ou vegetais) em si, mas as inter-relações.

É preciso salientar que a vitalidade do ecossistema é diretamente proporcional à maior ou menor quantidade de espécies existentes em seu meio. Vale dizer, a **diversidade** é uma de suas propriedades mais importantes. Há ainda outras características dele que são relevantes para o estudo ecológico dos fenômenos linguísticos. Pelo menos algumas delas serão mencionadas mais abaixo ao analisarmos os dados de nosso *corpus*.

Vejamos quais são os equivalentes dos conceitos de ecossistema, território (meio ambiente, *habitat*, nicho ou entorno), população e interações

(inter-relações) em Ecolinguística. Ao ecossistema biológico corresponde naturalmente o **ecossistema linguístico**, que consta de uma **população** (P) ou povo, vivendo em determinado lugar ou **território** (T) e se comunicando pela maneira tradicional de se comunicar localmente (L). Vê-se, assim, que esses padrões de interação (que são a língua/linguagem) são o equivalente das interações (inter-relações) ecológicas. Por sinal, essa é a concepção que o leigo tem de língua. Quando se lhe menciona o nome de determinada língua pela primeira vez, ele quer saber, antes de tudo, que povo (P) a fala. A seguir, quer saber onde (T) esse povo se localiza. Essa tríade, ou seja, P, T e L, constitui o ecossistema linguístico fundamental, vale dizer, o **ecossistema fundamental da língua**. No interior desse ecossistema linguístico, o conjunto formado por P e T constitui o **meio ambiente fundamental da língua**. Mais abaixo veremos que no interior desse ecossistema existem pelo menos três subecossistemas. O fato é que ele é tão importante que não é apenas ‘fundamental’. Ele é mesmo ‘fundacional’, pois é ele que fornece as “fundações” das quais emerge tudo na língua. Não é para menos que recebe outros nomes, dependendo da perspectiva a partir da qual é observado.

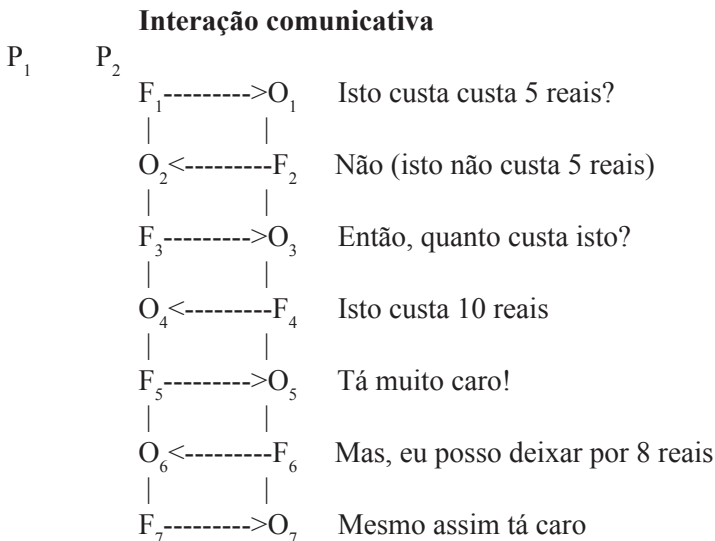
Ao falar dessas equivalências, já demos uma caracterização de língua, ou seja, ecolinguisticamente ela é vista como o modo pelo qual os membros da comunidade interagem verbalmente de modo tradicional. Seguindo a concepção de Coseriu (1967), o ponto de partida deve ser o **ato de interação comunicativa** (AIC) concreto. Partindo de uma determinada quantidade deles, o observador abstrai o sistema, ou seja, os padrões de interação verbal vigentes na comunidade. Esses padrões são o que se tem chamado de regras (sintáticas, morfológicas, fonológicas etc.), isto é, a ‘gramática’.

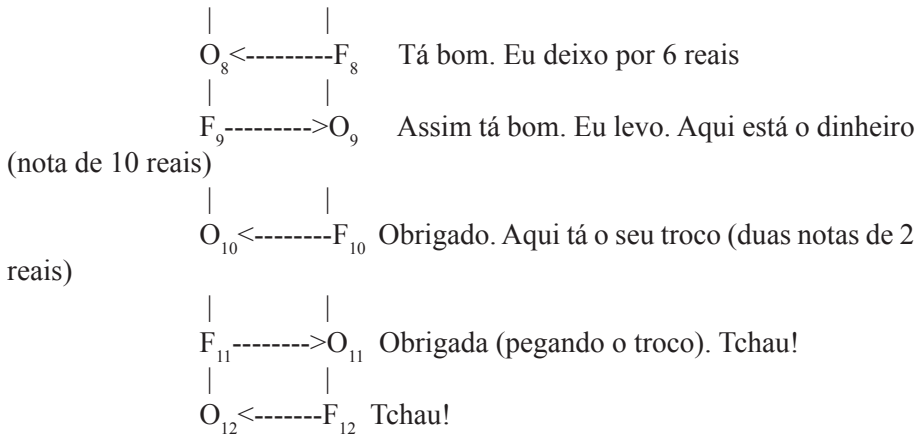
O AIC se dá no contexto da **ecologia da interação comunicativa** (EIC). Como sabemos, a EIC consta, inicialmente, de um falante (F) que se dirige a um ouvinte (O), em geral próximos e de frente um para o outro. A F corresponde o EU e a O o TU (você). Há também os circunstantes, quer presentes, quer ausentes. Junto do EU temos ELE_1 , ou seja, aquele ou aqueles que estão com EU. Junto do TU temos o ELE_2 . ELE_1 e ELE_2 , juntos, constituem o ELES. O EU mais ELE_1 formam o NÓS exclusivo, como no tupi-guarani *oré*. EU mais TU formam o NÓS inclusivo, como o tupi-guarani *jandé*. O TU mais ELE_2 formam o VÓS exclusivo e TU (junto ou não com ELE_2) mais ELE_1 constituem o VÓS inclusivo. As duas últimas formas existem no crioulo inglês da Papua-Nova Guiné conhecido como tok pisin.

Não é possível alinhar todos os componentes da EIC, uma vez que cada ecologia é única. No entanto, pelo menos mais alguns deles devem ser mencio-

nados, como os dêiticos. Associados ao EU temos o dêitico espacial AQUI, o temporal AGORA e o modal ASSIM, entre outros. Associados ao TU existem pelo menos o espacial AÍ, o temporal ENTÃO e o modal ASSADO. Temos ainda os demonstrativos ESTE (relacionado a EU), ESSE (relacionado a TU), AQUELE (relacionado a ELE). Dependendo da perspectiva, poderíamos acrescentar os dêiticos temporais ONTEM, HOJE, AMANHÃ etc. Na EIC estão implícitos todo o cabedal de conhecimentos e as experiências tanto de F quanto de O: praticamente toda a cultura da comunidade de ambos. Aqui alinhamos apenas alguns poucos exemplos do que pode entrar em um AIC. Vejamos mais de perto a dinâmica da interação entre F e O, no que tradicionalmente vem sendo chamado de diálogo, interlocução ou simplesmente **interação comunicativa**.

Suponhamos uma freguesa em uma feira de rua. Diante de determinado produto, ela pode perguntar ao feirante “Isto custa cinco reais?” (nível 1), uma vez que já havia visto o produto com esse preço em outra barraca. O feirante pode retrucar que não, ou às vezes, “Isto não custa cinco reais” (nível 2). A freguesa pode continuar perguntando, “Então, quanto custa isto?” (nível 3). E assim por diante, formando um fluxo de interação comunicativa (fluxo interlocucional ou dialógico) que, no exemplo a seguir compreende doze níveis. O importante a reter é que há diversas outras possibilidades, ou direções, que o fluxo pode tomar. Inclusive pode haver mais níveis, indefinidamente, dependendo das circunstâncias. Tudo isso está representado na figura abaixo, em que o membro da população ou pessoa P_1 é falante inicial e P_2 é o ouvinte inicial.





Como se pode ver, a interação comunicativa se dá de modo cíclico. O pontapé inicial é dado pela uma pessoa (P₁) que, nesse momento, é o falante (F₁). É P₁ que desencadeia toda a interação comunicativa, mediante uma primeira solicitação a uma segunda pessoa (P₂), que exerce o papel de ouvinte (O₁). A seguir, temos uma resposta de P₂, agora já como falante de nível 2, ou seja, F₂. O falante inicial passa a ouvinte de nível 2 (O₂). E assim sucessivamente, *ad libitum*. Toda a interação se baseia em padrões de interação aceitos comunitariamente, de modo que, além das regras da gramática já mencionadas, temos as regras de interação, sobre as quais pode-se começar lendo Koch (2001).

Dissemos acima que, dependendo do modo como encaremos o ecossistema fundamental da língua, ele pode receber outros nomes. Um deles, já mencionado, é ‘ecossistema fundacional da língua’. Mas, no presente contexto, a denominação mais comum é a de **ecossistema natural da língua**, justamente pelo fato de seus componentes serem L, P e T encarados como entidades físicas, naturais. Nesse caso, o **meio ambiente natural da língua** é constituído por P e T, isto é, ele é formado pelo território, as águas, o ar, os membros da população *qua* corpos físicos, entre outros. Assim sendo, a língua não é reificada, uma vez que equivaler às interações da Ecologia, de modo que quando falamos em MA da língua, estamos nos referindo ao ‘lugar’ em que essas relações se dão, às entidades entre as quais as relações têm lugar.

Dependendo do modo como encaramos os fenômenos da língua/linguagem, podemos ver que as relações que a constituem podem se dar ainda em pelo menos mais duas situações. A primeira ainda tem a ver com os indivíduos da comunidade como entidades físicas. A diferença é que agora focamos a atenção no cérebro de cada um deles. É aí que as relações da linguagem se formam, são

armazenadas e processadas. Aqui a língua é a imensa teia de inter-relações que se dão nas conexões neurais, as sinapses. Isso constitui o **ecossistema mental da língua**. Em seu interior, o cérebro ou, mais especificamente, as conexões neurais constituem o **meio ambiente mental da língua**. A Psicolinguística, a Neurolinguística e o Conexionismo têm tentado desvendar os mistérios desse ecossistema linguístico. A Gramática Gerativa também.

O terceiro ecossistema da língua/linguagem é conhecido como **ecossistema social da língua**. Muitos estudiosos pensam que ele é o único ecossistema da língua, como o caso do próprio pai da Ecolinguística, Einar Haugen. De acordo com ele, o verdadeiro meio ambiente da língua é a sociedade que a fala (Haugen, 1972). Ela é o **meio ambiente social da língua**.

Para mais pormenores sobre esses três ecossistemas, e respectivos meios ambientes, da língua, pode-se consultar Couto (2007). É chegado o momento de entrarmos na análise de nossos dados, tendo em mente que diversos outros conceitos ecológicos ainda não mencionados podem ser introduzidos oportunamente. Entre eles temos o de **diversidade** e algumas características do ecossistema ainda não mencionadas, como a **porosidade**. Veremos que os microecossistemas que vamos examinar são altamente fluidos, estão sempre influenciando e recebendo influência do ecossistema maior de que fazem parte. Na verdade, não há uma fronteira rigidamente delimitada entre eles.

2. Antilíngua

Ao caracterizar esse conceito, seu proponente, Michael A. K. Halliday, começa dizendo que “dos diversos tipos de ANTI-PALAVRAS, tais como antibiótico, anticorpo, antinovidade, antimatéria e outras, o que é entendido como tal aqui é o que é representado por antissociedade”. A seguir ele afirma que “uma antissociedade é uma sociedade que se cria no interior de outra sociedade como uma alternativa a ela. Ela é um modo de resistência, que pode assumir a forma de simbiose passiva ou de hostilidade ativa e até mesmo de destruição”. Para ele “uma antilíngua não é apenas paralela a uma antissociedade, mas gerada por ela”. “Uma antilíngua está para a antissociedade assim como uma língua está para a sociedade”. Por fim, diz ele, frequentemente a antilíngua é veículo de uma contracultura (Halliday, 1976: 570).

Do ponto de vista estritamente linguístico, a antilíngua consiste em usar “palavras novas por velhas, isto é, ela é uma língua relexificada”. De modo que “o princípio é o de mesma gramática, vocabulário diferente; mas vocabulário diferente apenas em algumas áreas, especialmente aquelas que são vitais para

as atividades da subcultura” (Halliday, 1976: 571). Ao falar de algumas antilínguas mais abaixo, veremos alguns processos empregados na substituição de itens lexicais da língua para formar uma antilíngua. Porém, as características da antilíngua podem atingir também a fonologia, a morfologia, a semântica lexical e talvez até mesmo a sintaxe (Halliday, 1976: 576-579). Como se vê, a antilíngua apresenta muitas semelhanças com os anticrioulos (Couto, 2002a), porém, apresenta também muitas diferenças em relação a eles. É o que veremos a seguir, começando pelas primeiras.

Antes, porém, gostaríamos de lembrar que uma denominação alternativa para pelo menos algumas antilínguas seria **criptoleto**. Esse termo é composto de “cripto-” que, em grego, significa secreto, e do morfema “-leto”, também de origem grega, que aparece em “dialeto”, “socioleto” e nos termos crioulísticos “basileto/mesoletto/acroleto”. Em suma, criptoleto significaria algo como “variedade linguística (leto) secreta, ou para manter sigilo”. De modo que, para aqueles que não gostam de nada que contenha “anti-”, criptoleto é uma alternativa.

A antilíngua é criada conscientemente para ser o símbolo de uma oposição à língua da sociedade maior. Portanto, frequentemente ela é artificial, não tem uma história, por assim dizer, natural. A antilíngua não é língua materna de ninguém. Ela é muito dinâmica, está sempre se transformando para se adaptar a novas circunstâncias e, às vezes, até mesmo a modismos. As formas específicas de antilíngua têm a mesma forma da língua envolvente em subjacência. Praticamente todos os termos das antilínguas elencados abaixo têm como referência o equivalente na língua contra a qual se opõem. A antilíngua é uma língua parcial. Ela nunca preencheu todas as necessidades comunicativas de seus usuários.

Halliday apresenta três exemplos de antilíngua. O primeiro é a “*pelting* (=paltry) speech” dos vagabundos e criminosos que constituíam a contracultura da era elizabetana (século XVI). De acordo com os poucos exemplos de 1567 dados por Thomas Harman, essa antilíngua constava de expressões como *crashing-cheats* (dentes), *smelling-cheat* (nariz; também *jardim, quintal*), *belly-cheat* (avental). Como se vê, *cheat* significa “coisa que...”. Outros exemplos seriam *stalling-ken* (casa que receberá objetos roubados) < *stall* (fazer ou ordenar) + *ken* (casa) e *queer-ken* (casa de prisão) < *queer* (nulidade) + *ken*.

O segundo exemplo é a língua do submundo de Calcutá, amplamente documentada no livro *Language of the underworld of west Bengal*, de Bhakti-prasad Mallik (Calcutá: Sanskrit College, Research Series n. 76, 1972). Halliday reproduz algumas características fonológicas e morfológicas que se notam na formação do “antiléxico” dessa antilíngua a partir de material do bengali.

Na fonologia essa antilíngua faz uso de cerca de 30 processos. Entre eles podem-se citar: (a) metátese: *kodaan* (loja), do bengali *dokaan*; *karcaa* (servente), de *cakaa*; (b) inversão: *khum* (boca) < *mukh*; (c) mudança consonantal: *konaa* (ouro) < *sonaa*; (d) inserção silábica: *bituri* (com “t” e “r” retroflexos, ‘mulher velha’) < *buri* (com “r” retroflexo); (d) inversão mais sufixação: *chappi* (bunda) < *paach*.

Do ponto de vista morfológico, notam-se também muitos processos. Assim, temos (a) sufixação: *kotni* (com “t” retroflexo, ‘bolsa de algodão’) < do inglês *cotton*, *dharaan* (sequestrador) < *dharaa* (segurar); (b) composição: *bilaakhaanaa* (bordel) < *bilaa* (termo pejorativo) + *khaanaa* (ouro, lugar para); (c) empréstimo: *khaalaas* (assassinato), do árabe *halaas* (fim), no lugar da forma bengali *khun*.

Um outro recurso para a criação do “antiléxico” é atribuir valor metafórico a expressões já existentes na língua que a antilíngua pretende contestar. Assim temos (a) *saainbor-olaa* (mulher casada), em referência à marca vermelha na testa das mulheres casadas, mais *olaa* (proprietário/a); (b) *sutaa* (“t” retroflexo ‘cigarro’), de *sukh* (alegria) + *taan* (“t” retroflexo ‘baforada’).

O terceiro exemplo de antilíngua apresentado por Halliday é a *grypserka*, ou seja, a língua da subcultura das prisões polonesas e escolas de correção, descrita por Adam Podgórecki em “*Second life*” and its implications (mimeo, 1973). No caso, “*Second life*” é o nome da antissociedade de que a *grypserka* é veículo. Halliday não reproduz nenhum exemplo dessa antilíngua.

Além dos três exemplos recém-vistos, Halliday menciona outros casos de usos e/ou registros linguísticos que apresentam características antilinguísticas. Um deles é o *gobbledygook*, a “língua secreta do humor da classe trabalhadora vitoriana”. Nesse tipo de linguagem, uma expressão como “erect a luxurious block of flats” se transformaria em *erectify a luxurimole flackoblots*. Isso lembra um pouco a nossa “língua do p”. Outros exemplos incluiriam a “linguagem dos guetos” e os dialetos. Segundo o autor, “o uso popular opõe *dialeto*, como ‘anti-’, a língua (padrão), como a norma estabelecida. Um dialeto não padrão que é usado conscientemente para propósitos estratégicos, defensivamente para manter uma realidade social particular ou ofensivamente para resistência e protesto vai na direção da antilíngua” (Halliday, 1976: 579-80).

Ainda na Inglaterra temos outros casos de uso linguístico de grupos específicos que se enquadrariam na categoria de antilíngua. Um deles é o *polari*, também conhecido como *palare*, *palyaree* e *palary*, que deve ter sua origem no italiano e, talvez, na língua franca medieval (Couto, 2002b). O próprio nome provém do italiano “parlare”. Essa antilíngua consta de uns 80 a 100 itens lexicais

que, atualmente, só são usados no teatro, no circo, no mundo dos espetáculos e na linguagem de certas comunidades homossexuais, sobretudo aquelas que têm alguma ligação com o mundo dos espetáculos (Hancock, 1984: 390-391). Entre os exemplos alinhados por esse autor, incluem-se [djent] (dinheiro) < italiano *argento*, [tchinke] (cinco) < italiano *cinque*; [djòge] (jogar, cantar, entreter-se) < italiano *giocare*, etc. O próprio Hancock associa essa linguagem com a antilíngua de Halliday (Hancock, 1984: 393). Atualmente o polari está em extinção. No entanto, há movimentos no sentido de revivê-lo, inclusive com alguns *sites* na Internet.

Um outro exemplo de antilíngua inglesa é o *cant*. Ele é “um léxico criptolálico, derivado basicamente do inglês mediante processos de mudança semântica, no contexto gramatical do inglês, que tradicionalmente se diz que é empregado por ladrões e membros da comunidade dos criminosos. Há elementos dessa manifestação linguística no shelta” (Grant, 1994: 123). Para um conceito mais amplo de *cant*, pode-se consultar Bonfante (1966).

A comunidade mística chamada Santo Daime também parece ter uma linguagem própria, ou melhor, um registro especial do português que apresenta algumas características da antilíngua. Infelizmente, porém, não dispomos de informações linguísticas sobre o assunto. Para uma abordagem antropológica a essa comunidade, pode-se consultar (Silva, 1983).

3. Os meninos de rua

Começemos pelos meninos de rua. O excerto de diálogo abaixo já dá uma ideia do uso de gíria que constitui a linguagem deles:

- D: *o que é fazer uma fita junto?*

- I: *uma fita junto ((risos)) ... é roubar... o modo de dizer que a gente fala ..fita... porque... a forma da gíria que... reproduzida... os maluco... na hora d doidura fala .. as coisas que não faz sentido... mas se pego...continua gíria*

- D: *mas é uma forma de vocês falarem que os outros não entendem né?*

- I: *poucos não entendem NÉÉÉ?*

No trecho acima, observa-se que o informante deixa claro o sentido social e secreto da gíria. Quando essa gíria passa a ser usada por outros grupos, como o dos *playboys* torna-se, então, fraca e perde sua função de antilíngua, que é a de segredo e proteção contra a hostilidade da sociedade envolvente.

Vejamos mais alguns exemplos, de expressões isoladas de sua gíria.

- apetite de correria = ter habilidade, malícia para roubar
- aprontar = roubar
- cinco cinco = furto
- cinco sete = roubo a mão armada
- crescer o olho = querer o que está vendo, querer roubar
- dar um rolê = passear, roubar
- fazer um bote = roubar
- guenta = roubo
- passar o pano = vigiar na hora do roubo
- sujou = chegaram os policiais
- um sete um = estelionatário

Apesar de visar a manter segredo, muitas palavras são tiradas do número de artigos do Código Penal, como se pode ver nos três exemplos a seguir.

- cinco cinco < Artigo 155;
- cinco sete < Artigo 157;
- um sete um < Artigo 171.

Tiram termos da própria sociedade hostil a eles e os inserem no próprio contexto, tornando-os ininteligíveis aos de fora. Com isso, constituem uma antilíngua ou criptoletão para uso próprio. Para mais detalhes sobre a linguagem dos meninos de rua, pode-se consultar Murata (2005).

4. Os ciganos

Passemos à língua dos ciganos. O nome que normalmente se dá a ela é **romani**, tirado de *rom* (gente, homem), que é o como eles se chamam. Alguns grupos mundo afora preferem o nome **romanês**, que significa literalmente ‘falar à moda dos *roma*’ (plural de *rom*). Os ciganos de Aparecida de Goiânia que estudamos estão nesse caso: eles afirmam que falam ‘romanês’. Mas, eles são apenas um dos diversos grupos de ciganos existentes no Brasil e, sobretudo, na Europa.

De qualquer forma, os dois principais grupos existentes no Brasil são os *kalderash*, aos quais pertencem os que estudamos, e os *calons*.

Os *calons* começaram a imigrar no século XVI, vindos da Península Ibérica. Há informações da existência desses ciganos no Brasil já por volta de 1530. A variedade linguística desse grupo difere um pouco da das demais, justamente

por estar bastante desgastada pelo contato, primeiro com o espanhol, depois com o português lusitano e, finalmente, com o brasileiro. Sua língua principal é o português, sendo o calon usado entre eles em poucas situações, entre elas manter segredo frente aos *gadjé* (não ciganos), donde seu caráter de antilíngua.

Para este ensaio, baseamo-nos na pesquisa de Melo (2005), que investigou o grupo que se encontra em Mambáí, norte de Goiás. Vejamos dois exemplos de sua linguagem:

- 1) o rõ camela a ruín ‘o rapaz ama a moça’
- 2) o avê chinardô o cais com o forron ‘o tio cortou a árvore com o facão’

Como se vê, os itens lexicais são calons, mas a gramática é inteiramente portuguesa. Essas palavras não passam de umas 500, além de algumas expressões complexas, em geral formadas nos moldes da gramática portuguesa. Isso significa que o calon não é uma língua plena, como a dos kalderash, mas apenas uma antilíngua, caracterizando-se como um verdadeiro criptoletto.

Os kalderash vieram do Leste Europeu, a partir do final do século XIX, embora sua origem primeira seja a região central do norte da Índia. No Brasil, eles se concentram em Campinas (SP) e em Gravataí (RS), embora pequenos grupos possam ser encontrados em todo o país. Os kalderash de Aparecida de Goiânia são um grupo de cerca de 25 famílias, 250 ciganos. A família que mais serviu de informante mora em uma tenda de lona em um terreno de 10x40m, com um espaço grande na frente onde colocam cadeiras em dias de culto (domingo às 20h), uma vez que se tornaram evangélicos uns anos atrás. Na tenda, há uma mesa grande, pia, armários, geladeira e fogão, tapetes e cama de solteiro onde dorme a matriarca. Os outros dormem em colchões que colocam sobre os tapetes. Ao lado dos colchões empilhados, há um computador e um televisor. As roupas ficam nas malas e algumas em um varal. A água e a luz são ligações clandestinas da casa do vizinho a quem pagam uma certa quantia. Fora da tenda, existe um banheiro, com pia e chuveiro, e tanque para lavar as roupas. Em outubro de 2009, esses informantes mudaram-se para uma casa, que fica a cinco quadras de onde moravam. Nos primeiros meses, a matriarca estranhava muito, pois, na barraca, sempre havia ciganos para conversar e participar das refeições. Eles ganham a vida como vendedores ambulantes de panelas, tacho, jogos de bacias, toalhas de banho, bolachas e, sobretudo, maçãs. Atualmente, vendem mais *kits* de colchas e panelas.

Mesmo sendo já sedentarizados, eles viajam muito para outras cidades, não só para comerciar, mas também para visitar grupos aparentados e parentes. A

maioria dos kalderash de Aparecida de Goiânia mora em casas próprias, apenas cinco famílias residem em tendas de lona, por falta de condições financeiras.

Esses kalderash são bilíngues em sua maioria, como acontece com grande parte dos kalderash do Brasil. Eles falam romanês e português desde a infância. No entanto, só usam o romanês nas interações intragrupais. Para a comunicação extragrupal, usam o português. É a língua para se comunicarem com os *gadjês* (não ciganos), cujo singular é *gadjô*. Se há um *gadjô* por perto, eles geralmente falam em português. No entanto, se quiserem que ele não entenda o que estão falando, usam o romanês, o que mostra que sua língua tem também a função de manter segredo, mesmo sendo uma língua plena, com léxico e gramática própria, não mera antilíngua derivada da língua da comunidade envolvente, como é o calon.

Vejamos alguns exemplos de expressões romanesas.

- 1) E kêr si parnô
‘A casa é branca’
- 2) E gadjá kindiá le islága
‘A mulher não cigana comprou os brincos’
- 3) Võn volím-pe (eles amam-se): pronome após o verbo
‘Eles se amam’
- 4a) Si ma (tenho eu); 4b) nai ma (não-tenho eu)
‘eu tenho’ ‘eu não tenho’

Pelos exemplos se pode ver que o dialeto romanês do romani apresenta flexão nos verbos, nos substantivos e nos adjetivos. Além disso, o pronome reflexivo vem depois do verbo. O verbo ‘ter’ no presente do indicativo, afirmativo ou negativo, flexiona-se diferentemente do português.

O romanês é a língua da identidade, da intimidade e da manutenção dos segredos culturais. Como já perderam o território original (eram nômades), mesmo tentando recompô-lo nos acampamentos e, mais modernamente, ajuntando-se em bairros periféricos das cidades, têm que se firmarem mais na língua para manterem a própria identidade. Por conviverem íntima e diariamente entre si, seus membros constituem uma comunidade, no sentido de que são um povo (P), convivendo em um bairro (T) e falando o romanês internamente (L). Com isso, mantêm uma miniatura do ecossistema fundamental da língua, ou seja, P, T e L.

Como se vê, o romanês tem funções próprias das antilínguas, no entanto, é também uma língua plena, que preenche todas as necessidades expressivas

e comunicativas de seus usuários. Ele nos mostra que o conceito de Halliday visto acima precisa ser revisto a fim de incluir realidades como esta. Para mais detalhes, ver Couto (2002a) e Melo (2005).

5. A *dread talk* do movimento rastafari jamaicano

Gostaríamos de mencionar ainda a linguagem do movimento rastafari jamaicano, a *dread talk*. Os adeptos da comunidade rastafari criaram uma linguagem própria a fim de afirmar sua identidade afro-americana frente à sociedade opressora dos ex-colonizadores ingleses. Na época do surgimento dessa comunidade, havia o movimento *back to Africa*. A *dread talk* visava a exprimir toda essa cultura, da qual faz parte o ritmo musical *reggae*.

A *dread talk* é inteiramente tirada da língua jamaicana, que é uma variedade crioulezada do inglês britânico. Seus falantes a formaram estritamente nos padrões de formação de antilínguas, como caracterizadas acima. Além disso, procuravam adequar a linguagem ao mundo. Assim, como *understand* não era tido como adequado para significar ‘entender’, substituíam o termo por *overstand*. O conceito de oprimir, segundo eles, não pode ser *oppress*, mas *downpress*. Havia ainda todo um vocabulário especial para tratar das drogas e outros assuntos. Na verdade, os lexemas da *dread talk* têm sido classificados em quatro categorias, de que damos alguns exemplos a seguir.

Vejam os exemplos delas.

Categoria I, na qual entram formas já existentes no crioulo jamaicano com novo significado, como “chalice” (cálice), tubo para fumar *ganja* (marijuana):

- *Babylon* (Babilônia) = a. o establishment” corrupto; o sistema, a igreja e o estado; b. a polícia, um policial;
- *burn* (queimar) = fumar *ganja*;
- *cool* (fresco) = OK, tudo bem, fique frio;
- *dread* (medo) = a. pessoa com *dreadlocks*; b. coisa séria; c. pessoa ou coisa perigosa; d. o poder terrível (*dreadful*) do sagrado; e. confrontação terrível com pessoas que têm uma identidade primordial mas historicamente negada;
- *dreadlocks* = a. cabelo não penteado nem cortado; b. pessoa que os usa.

Categoria II, em que se procura suprimir a arbitrariedade do signo, ou seja, visa-se a uma iconicidade entre significado e significante:

- *downpress* (< *oppress*) = oprimir;
- *higherstand* (< *understand*) = compreender, entender;
- *Jamdown*, *Jamdung* = Jamaica;

- *outformer* (<infomer) = informante da polícia, dedo-duro;
- *overstand* (< understand) = o mesmo que *higherstand*;
- *blindgaret* (cigarette) = cigarro.

Categoria III, formada pelas palavras [ay], de *I* (ego, eu). Há dois subtipos:

a. a função pronominal: *I*, *I-man*, para *me* (eu) do crioulo;

b. substituição de sílaba inicial por *I*: *I-lalu* por *callaloo* do crioulo (tipo de legume) ou por *y*:

- *I AN I A KNACKA* (heart is good) = estou bem;
- *I AN I* (I and I) = eu, nós, meu, eu mesmo;
- *I-cient* (< I + ancient) = velho, antigo;
- *I-ditate* (< I + meditate) = meditar;
- *I-dure* (< I + endure) = suportar, agüentar;
- *I-laloo* (< I + callaloo) = tipo de legume muito popular;
- *I-man* (< I + man) = eu, me, nós, meu, nosso (o mesmo que *I AN I*);
- *I-men* (< I + amen) = amém;
- *I-nana* (I + banana) = banana;
- *I-pa* (<I + pepa = pepper) = pimenta;
- *IRONS* (<I + iron) = arma;
- *I-serve* (< I + deserve) = merecer;
- *I-sire* (< I + desire) = desejar;
- *I-tal* (< I + vital) = vital, puro, natural, orgânico, comida sem sal, comida rastafari;
- *yanks* (< I + thanks) = obrigado;
- *yife* (< I + life) = vida;
- *yountry* (< I + country) = país.

Categoria IV, constituída de criações novas, como *bald head* para os não adeptos do rastafarianismo:

- *backative* = estamina, força;
- *bongoniah* (<Bungo Niah) = um rastafariano, um rasta;
- *deaders*, *dedahs*, *deddas* = comida;
- *dunny*, *dunney*, *dunza* = dinheiro;
- *freenana* (< free + banana) = banana;
- *JAH* = Deus; provavelmente uma abreviação de Jahweh ou Jehovah (JAH Ras Tafari, Hailé Selassié, rei dos reis, senhor dos senhores, leão conquistador da Judéia; a personificação do Todo Poderoso);
- *sata*, *satta* = relaxar; fique onde está; sentar-se; fique calmo;
- *spliff* = *ganja*, marijuana.

Portanto, a *dread talk* visava a expressar não apenas a própria identidade e o segredo frente à sociedade envolvente. Visava também a ter uma linguagem que expressasse uma maior harmonia com a natureza e as pessoas. Era um movimento ecológico mesmo em uma época em que isso não era modismo. Para maiores detalhes, pode-se consultar Couto (2002a: 60-65).

6. Discussão

Enfim, os três casos aqui apresentados confirmam o modelo básico da Ecolinguística, de acordo com o qual para que haja uma linguagem (L), tem que haver um grupo de pessoas (P) convivendo em determinado espaço ou território (T) que a use, por menor que seja esse grupo. A linguagem existe justamente para manter a coesão do grupo, além da identidade e de poder falar sem ser entendido pelos de fora. No caso das antilínguas e assemelhadas, elas existem para a comunicação, mas uma comunicação intragrupo, ininteligível aos de fora.

O pequeno diálogo dos próprios meninos de rua com a entrevistadora Elza mostra que eles têm consciência do dinamismo de sua linguagem. Mais do qualquer outra, ela é muito aberta, está sempre se adaptando às circunstâncias. Lembra muito estágios avançados das comunidades iniciadas por espécies pioneiras, na Ecologia. Dado seu dinamismo, nem a linguagem em especial nem a comunidade de meninos em geral chega ao estágio de comunidade clímax, como é o caso dos ciganos. Como o ecossistema da Ecologia, que é fluido, poroso e aberto, também a comunidade e a linguagem desses meninos é fluida, porosa e aberta. Está sempre se modificando, a fim de se adaptar às novas circunstâncias que se lhes apresentam. Enfim, sua linguagem está sempre sendo influenciada pela da sociedade envolvente, embora eles mesmos sejam seu sujeito, são eles que a criam, usam e dominam. Toda influência da comunidade envolvente se dá mediante o uso da linguagem por eles próprios. Tudo isso está em perfeita sintonia com a visão ecolinguística dos fenômenos da linguagem. A Ecolinguística os vê com o faz Coseriu (1967), ou seja, o que existe concretamente são os atos de interação comunicativa. O sistema é abstraído pelo observador, logo, ele não tem existência fora dos atos concretos de fala.

O caso dos ciganos kalderash é um tanto diferente, uma vez que eles são herdeiros de uma longa tradição que vem da Índia na Idade Média. Na origem, certamente constituíam uma grande comunidade com povo, território e língua próprios. Mesmo hoje, no Leste Europeu (Hungria, Romênia) ainda existem comunidades em que pelo menos até pouco tempo era possível encontrar falantes monolíngues de romani. Por isso, sua linguagem é menos fluida, menos

instável. Por terem se desgarrado de uma comunidade do Leste da Europa mais recentemente, dispõem de uma linguagem própria (romani, representado pelo dialeto romanês) que preenche todas as suas necessidades expressivas e comunicativas.

Mesmo assim, eles mantêm sua linguagem específica para se afirmarem frente à sociedade brasileira envolvente e para poderem comunicar entre si sem ser entendidos pelos *gadjes*. Em seu imaginário, ainda fica grande parte da cultura original, mesmo que em início de obsolescência devido ao atrito com a cultura dominante envolvente. No geral, querem manter esses dados culturais em segredo, pois acham que compartilhá-los é enfraquecer-se como grupo, como comunidade que tem sua própria identidade. Mesmo assim, essa linguagem tem características de antilíngua, vale dizer, o ser símbolo de identidade e a finalidade de manter segredo.

As outras manifestações linguísticas são todas claramente antilíguas. Infelizmente, não há tempo para um aprofundamento do assunto da perspectiva ecolinguística. Para mais detalhes, pode-se consultar Couto (2002a, 2007).

Observações finais

Tratar do segredo de grupos minoritários significa estudar o que é marcante em sua cultura, pois o segredo neste caso não é apenas manter o que move os seus costumes, mas também a própria ação e essência do grupo. Afinal, ela faz parte da sua visão de mundo, sua interação com outros grupos que caracterizam seu cotidiano e sua língua. O segredo dos costumes mantidos pela língua em uso (gíria, romanês etc.) refere-se à manutenção das experiências vividas pelo grupo que funcionam como um sistema dinâmico, formando o inventário do vivido de seus ancestrais.

Há um querer manter o mistério como uma forma de preservar a integridade cultural ameaçada no contato com outros grupos. Na vivência dos grupos minoritários frente ao grande grupo podemos perceber que é sobretudo pela língua e na língua que eles mantêm os segredos de suas vivências.

Para enfrentar lutas particulares de sobrevivência, temos os *schèmes* de confrontar, distinguir do regime diurno. Esse regime, cuja imagem principal é o sol, sintetiza a força, a ascensão, o poder, a lucidez, a clarividência, o imutável e o imperioso. É dinamizado por aquele que pretende enfrentar a morte, purificar os ambientes ou pessoas, separando o que é bom do mau, verticalizando-se, enfrentando o perigo com as armas na mão, ou seja, enfrentar o perigo de seus segredos virem à tona por meio da língua.

A partir da assimilação dessas imagens, os grupos minoritários, meninos de rua, ciganos e outros conseguem, pela língua em uso e ancorados nas imagens diurnas, resguardar as imagens da intimidade que é o ponto chave na vivência do grupo. Centrada nas imagens, sobretudo da exclusão própria do regime diurno, dirigem-se à busca de estabilidade em seu viver, figurativizado conscientemente na proteção de seus costumes.

Para terminar, gostaríamos de acrescentar que os grupos de imigrantes em geral usam sua língua original quando falam entre si no meio dos falantes da língua dominante do país em que se encontram. Quando são de segunda, terceira geração ou mais, frequentemente usam pelo menos palavras isoladas nas mesmas circunstâncias em que se usam as demais mencionadas acima, mesmo já tenham perdido por completo a língua dos ancestrais. É o caso dos descendentes de japoneses, como a segunda autora deste ensaio, que, no contexto familiar e/ou entre os *nihon jin* (japoneses ou descendentes), às vezes usa termos como *takai* (caro), *kirei* (bonito), *nedan* (preço), *sukôshi* (um pouco), *oishi* (saboroso, gostoso), *kusai* (fedido), *kanê* (dinheiro), *kanê nai* (não tem dinheiro), *motai nai* (que desperdício!) e outros. Isso se dá quando não querem ser entendidos pelos *gai jin* (“estrangeiros”). O curioso é que, no caso, “estrangeiros” (*gai jin*) são os demais brasileiros. Em suma, trata-se de um uso linguístico que claramente se caracteriza como antilíngua.

Referências

- Bonfante, G. Cant. *Encyclopedia americana* vol. V, 1966, p. 527-528.
- Coseriu, Eugenio. *Teoría del lenguaje y lingüística general*. Madri: Editorial Gredos, 1967.
- Couto, Hildo Honório do. *Anticrioulo: manifestação linguística de resistência cultural*. Brasília: Thesaurus, 2002a.
- _____. *A língua franca mediterrânea – Histórico, textos e interpretação*. Brasília: Oficina Editorial IL-UB/Editora Plano, 2002b.
- _____. *Ecolinguística – estudo das relações entre língua e meio ambiente*. Brasília: Thesaurus, 2007.
- _____. *Linguística, ecologia e ecolinguística – contato de línguas*. São Paulo: Contexto, 2009.
- Fill, Alwin. *Ökologie: Eine Einführung*. Tübingen: Gunter Narr Verlag, 1993.
- Grant, Anthony P. Shelta: The secret language of Irish Travellers viewed as a mixed language. In: Bakker, Peter; Mous, Maarten (orgs.). *Mixed languages*. Amsterdam: IFOTT, 1994, pp. 123-150.

- Halliday, M. A. K. Anti-languages. *American anthropologist* v. 78, n. 3, 1976, pp. 570-584.
- Hancock, Ian. Shelta and Polari. In: Trudgill, Peter (org). *Language in the British Isles*. Cambridge: Cambridge University Press, 1984, pp. 384-403.
- Haugen, Einar. *The ecology of language*. Stanford: Stanford University Press, 1972, pp. 325-339.
- Koch, Ingedora Villaça. *A inter-ação pela linguagem*. São Paulo: Contexto, 2001.
- Melo, Fábio J. D. *Os ciganos calon de Mambai*. Brasília: Thesaurus, 2005.
- Murata (do Couto), Elza K. N. N. *Em busca da casa perdida*. São Paulo: Annablume, 2005.
- Preti, Dino. *A gíria e outros temas*. São Paulo: T.A. Queiroz/EDUSP, 1984.
- Silva, Clodomir Monteiro da. *O palácio de Juramidán* (Santo Daime: um ritual de transcendência e despoluição). UFPE, Diss. de Mestrado, 1983.